

Copom reduz Selic em 0,5 ponto, para 11,75%, e sinaliza mais cortes iguais

Política monetária Copom mantém sinalização de cortes de 'mesma magnitude' nas 'próximas reuniões'

BC reduz Selic a 11,75% na última reunião do ano

Larissa Garcia e Alex Ribeiro
De Brasília e São Paulo

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central decidiu reduzir pela quarta vez a taxa básica (Selic) em 0,50 ponto percentual, para 11,75% anual, na noite de ontem. No comunicado da última decisão do ano, o colegiado manteve a sinalização de cortes "de mesma magnitude" para as "próximas reuniões", caso o cenário esperado se confirme, apontando o mesmo ritmo pelo menos até o encontro de março de 2024.

O BC enfatizou, contudo, que o cenário externo "mostra-se menos adverso" do que na reunião de novembro e que a inflação subjacente — medida que retira itens mais voláteis da conta — se aproxima da meta.

"Em se confirmando o cenário esperado, os membros do Comitê, unanimemente, antevêm redução de mesma magnitude nas próximas reuniões e avaliam que esse é o ritmo apropriado para manter a política monetária contracionista necessária para o processo desinflacionário", disse o Copom no comunicado, trecho que não foi alterado em relação à decisão anterior.

"O Comitê enfatiza que a magnitude total do ciclo de flexibilização ao longo do tempo dependerá da evolução da dinâmica inflacionária, em especial dos componentes mais sensíveis à política monetária e à atividade econômica, das expectativas de inflação, em particular daquelas de maior prazo, de suas projeções de inflação, do hiato do produto e do balanço de riscos", complementou.

Diante da melhora dos cenários doméstico e internacional, havia expectativa em parte dos agentes financeiros de que o Copom retiraria o plural de "próximas reuniões" na sinalização dos passos futuros, se comprometendo apenas com o ritmo da reunião de janeiro e abrindo espaço para acelerar o passo adiante, mas o colegiado decidiu manter a indicação até março.

O Copom revisou para baixo suas projeções de inflação para 2023, que ficou em 4,6%, e para 2024, em 3,5%, ambas 0,1 ponto percentual abaixo da anterior, mas manteve 2025 em 3,2%. Para preços administrados, o Banco Central prevê 9,1% em 2023, 4,5% em 2024 e 3,6% em 2025.

Sobre o ambiente externo, o Copom frisou que "segue volátil e mostra-se menos adverso do que na reunião anterior, marcado pelo arrefecimento das taxas de juros de prazos mais longos nos Estados Unidos e de sinais incipientes de queda dos núcleos de inflação, que ainda permanecem em níveis elevados em diversos países".

"Os bancos centrais das principais economias permanecem determinados em promover a convergência das taxas de inflação para suas metas em um ambiente marcado por pressões nos mercados de trabalho. O Comitê avalia que o cenário segue exigindo cautela por parte de países emergentes", afirmou.

Em relação ao cenário doméstico, o colegiado ressaltou que o conjunto dos indicadores de atividade econômica "segue consistente com o cenário de desaceleração da economia antecipado pelo Copom". A inflação cheia ao consumidor, conforme esperado, manteve trajetória de desinflação, com destaque para as medidas de inflação subja-

cente, que se aproximam da meta para a inflação nas divulgações mais recentes", disse.

O Copom também manteve o parágrafo sobre a "importância da firme persecução" das metas fiscais "já estabelecidas" e enfatizou os impactos na ancoragem

das expectativas de inflação e na condução da política monetária. "Tendo em conta a importância da execução das metas fiscais já estabelecidas para a ancoragem das expectativas de inflação e, consequentemente, para a condução da política mon-

etária, o Comitê reafirma a importância da firme persecução dessas metas", destacou.

O colegiado manteve em seus cenários para a inflação fatores de risco em ambas as direções, com pesos equivalentes para cima e para baixo. Entre os riscos de alta, o

BC destacou "uma maior persistência das pressões inflacionárias globais" e "uma maior resiliência na inflação de serviços do que a projetada em função de um hiato do produto mais apertado". Já entre os riscos de baixa, o Copom citou uma "desacelera-

ção da atividade econômica global mais acentuada do que a projetada"; e "impactos do aperto monetário sincronizado sobre a desinflação global se mostrarem mais fortes do que o esperado".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Finanças **Caderno:** C **Página:** 1